PROLETÁRIOS E PROCESSADORES

Quando o operário vira algoritmo

Larissa Marques

PREFÁCIO

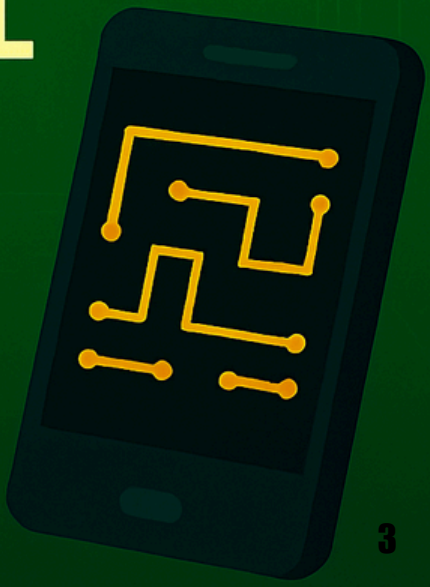
Entre Chips e Correntes

A tecnologia está em tudo: no celular, no trabalho, na comida que chega por aplicativo. Mas ela não é neutra. Ela serve a quem controla os meios de produção. Este livro mostra como o avanço digital intensifica a exploração do trabalhador, agora invisível e guiado por algoritmos. A luta de classes continua — só mudou de interface

Por que pensar tecnologia sem pensar classe é repetir a exploração com Wi-Fi

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO AO CAPITALISMO DIGITAL

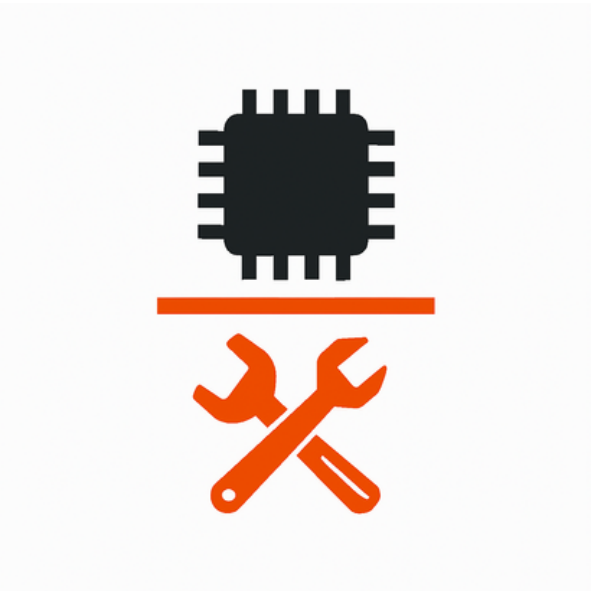


Tecnologia e Luta de Classes

Um Panorama Histórico

Desde a Revolução Industrial, a tecnologia tem sido usada como ferramenta para aumentar a produtividade — e, principalmente, o lucro dos donos dos meios de produção. A máquina a vapor substituiu o artesão. O computador substituiu o escriturário. Hoje, o algoritmo substitui o gerente. Marx já dizia: a técnica não é neutra. Ela é moldada pelas necessidades do capital.

No Brasil, vemos isso na mecanização do campo, que expulsou milhares de trabalhadores rurais, e na automação bancária, que reduziu agências e empregos. A tecnologia, sob o capitalismo, não liberta — ela reorganiza a exploração.



CAPÍTULO 2

O TRABALHADOR INVISÍVEL

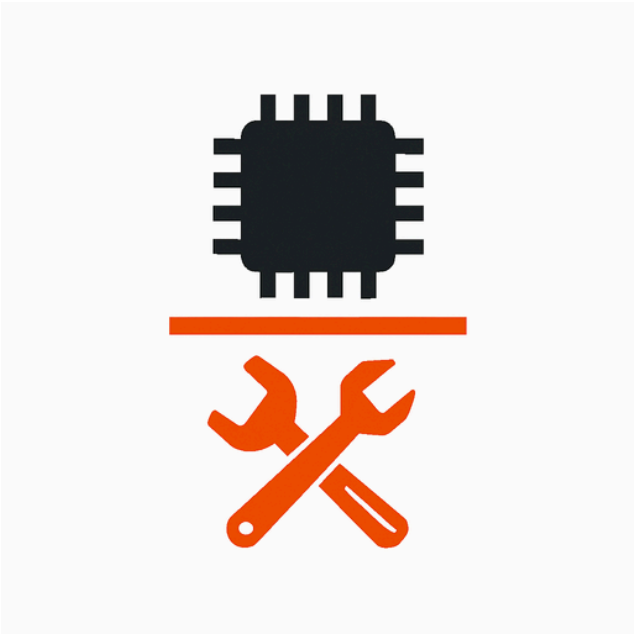
Clickworkers e Entregadores

O Novo Proletariado

O entregador de app, o motorista de Uber, o freelancer de plataforma — todos trabalham sem vínculo, sem direitos, sem patrão visível. São chamados de “empreendedores”, mas vivem sob algoritmos que definem quanto ganham, quando trabalham e se serão punidos.

No Brasil, o entregador que roda 12 horas por dia no iFood não tem salário fixo, nem férias, nem seguro. O trabalhador digital é invisível, mas essencial.

E, como Marx apontou, vive alienado: não controla o que faz, nem para quem faz, nem o valor que gera.



CAPÍTULO 3

PLATAFORMAS COMO FÁBRICAS

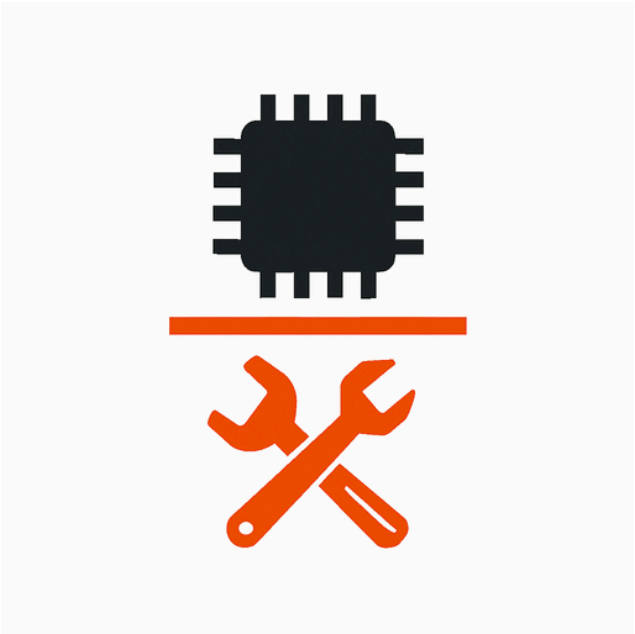
Apps, Dados e Mais-Valia

Quando o clique vira lucro

Cada clique, cada entrega, cada corrida gera dados. Esses dados são vendidos, cruzados, monetizados. O trabalhador não é mais só força física — é também fonte de informação. E essa informação gera lucro para as plataformas.

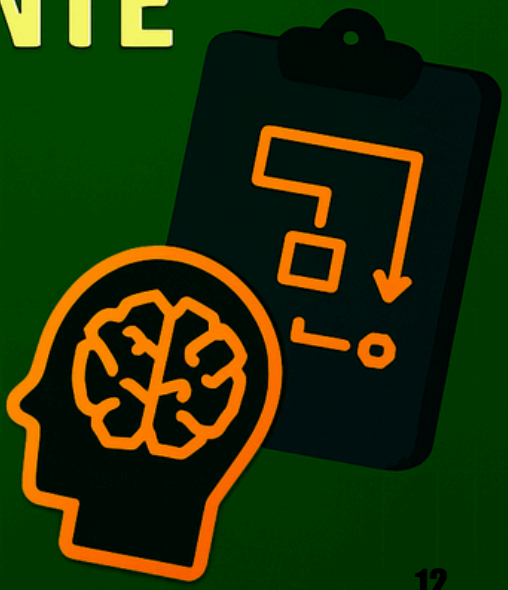
O motorista de Uber, por exemplo, não só transporta pessoas: ele alimenta um sistema que calcula demanda, preço, tempo e até comportamento.

A mais-valia digital é extraída não só do trabalho, mas da vigilância constante. O capital agora lucra com o que você faz — e com o que você é.



CAPÍTULO 4

O ALGORITMO COMO GERENTE



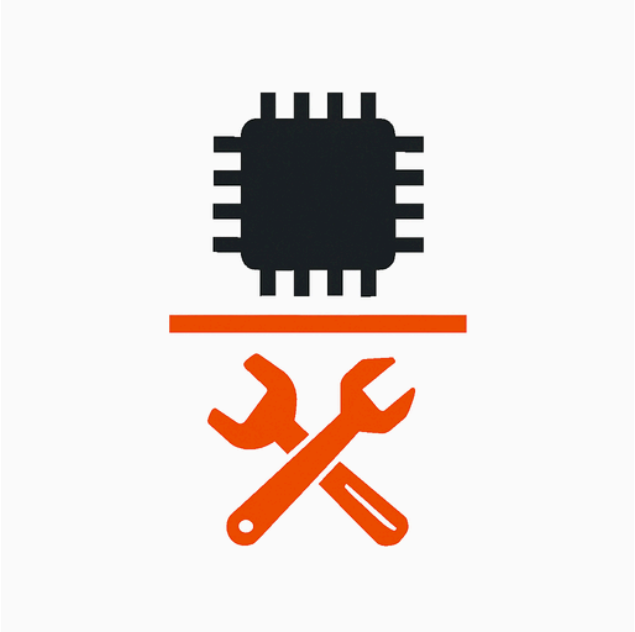
Supervisão Digital e Controle Invisível

O poder silencioso dos códigos

O gerente virou algoritmo. Ele não grita, não aparece, mas controla tudo. Define metas, avalia desempenho, pune atrasos. O entregador que demora perde pontos. O motorista que recusa corridas é bloqueado. Tudo automatizado.

No Brasil, plataformas como Rappi e Uber Eats usam sistemas que monitoram cada segundo de trabalho.

O trabalhador não sabe quem decide — só sente o peso da decisão. É o panóptico digital: vigilância total, controle absoluto, sem rosto.



CAPÍTULO 5

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ALIENAÇÃO

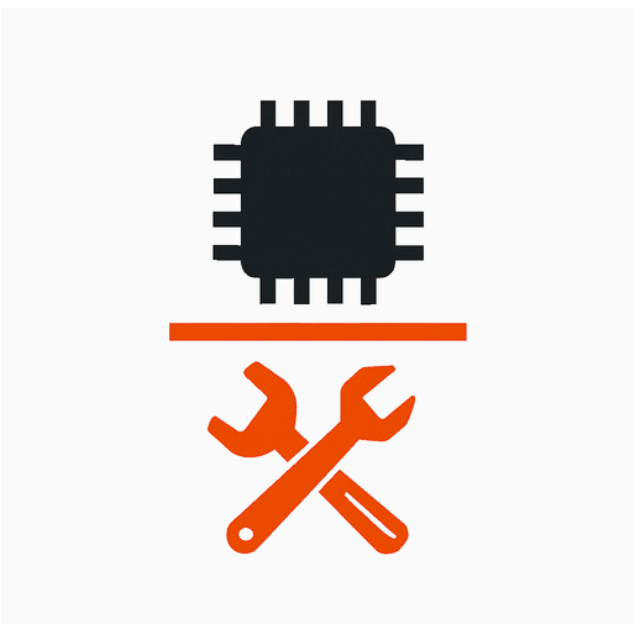
Quando a Máquina Decide

Engrenagem da alienação contemporânea

A IA não só organiza o trabalho — ela começa a substituí-lo. Chatbots atendem clientes, algoritmos escrevem textos, robôs fazem entregas. O humano vira acessório. E quando trabalha, é guiado por decisões que não entende.

No Brasil, bancos usam IA para aprovar crédito, empresas usam para selecionar currículos. O trabalhador é avaliado por sistemas que ele não vê, não compreende e não pode contestar.

A alienação se aprofunda: o sujeito perde até o direito de saber por que foi descartado.

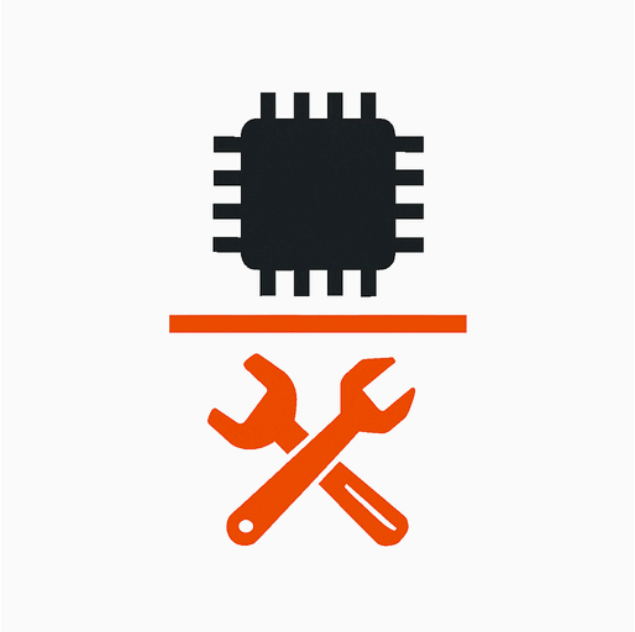


CAPÍTULO 6

RESISTÊNCIA DIGITAL

Nem tudo está perdido. Trabalhadores digitais têm se organizado. Entregadores criaram coletivos, fizeram greves, exigiram direitos. Hackers desenvolvem plataformas livres. Programadores constroem cooperativas.
No Brasil, vimos paralisações de entregadores em São Paulo e Salvador, exigindo taxas justas e segurança.

Também há iniciativas como o AppJusto, que busca remunerar melhor os trabalhadores. A tecnologia pode servir à luta — se for apropriada coletivamente.



CAPÍTULO 7

REPROGRAMANDO O FUTURO

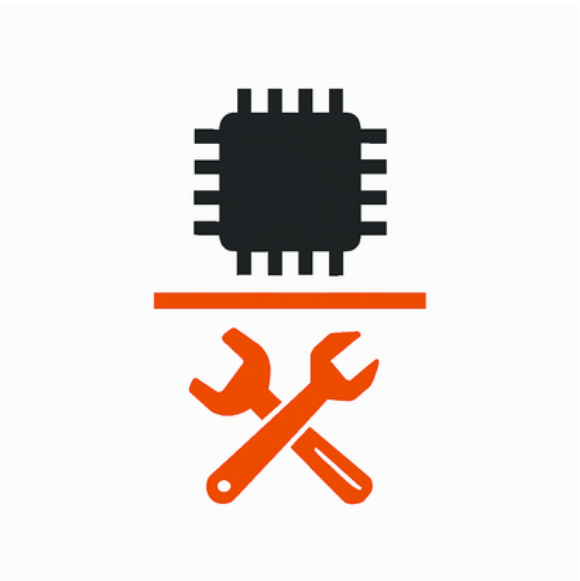
Tecnologia sem Patrão

Por um amanhã onde os códigos sirvam ao comum e não ao capital

E se a tecnologia fosse usada para libertar, não explorar? Essa é a proposta do comunismo digital: plataformas geridas pelos próprios trabalhadores, dados como bem comum, algoritmos transparentes e democráticos.

No Brasil, já existem cooperativas de entregadores, redes de software livre, projetos de educação tecnológica crítica.

A disputa está em curso: inovação para o lucro ou para a vida? O futuro pode ser reprogramado — mas só se o povo tiver acesso ao código.



AGRADECIMENTOS

Feito com Código, Cuidado e Consciência

Este eBook foi escrito com o apoio de uma inteligência artificial e finalizado com o olhar cuidadoso de um ser humano na diagramação. Agradecemos a quem acredita que a tecnologia pode ser usada para pensar criticamente — e não apenas para consumir. Que este material inspire novas formas de ver, agir e transformar